

# Editorial

Atendendo sua finalidade fundante de construir um espaço de aparência para múltiplos discursos, a *Revista Mimesis*, neste número, apresenta diversos estudos nas áreas de Filosofia, Sociologia, Filosofia da Educação, Letras e Educação Ambiental. São reflexões sobre temas relevantes, pois cada autor, em sua perspectiva, apresenta comentários críticos visando à definição de alternativas para a sociedade, para as pessoas e para as instituições.

Fernando Catroga, em seu artigo *Recordar e comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos*, apresenta um estudo minucioso sobre as relações entre memória e morte. Sendo uma experiência individual e intransferível, a morte, em si mesma, é um nada epistemológico e ontológico. O autor analisa também sua escamoteação na civilização ocidental, pelo horror que nos apresenta. A exacerbação dos signos tumulares levou o Ocidente, a partir do século XIX, à construção de cemitérios-museus a fim de torná-los memórias construídas, gerando uma comemoração pela anulação do distanciamento gnosiológico entre sujeito e objeto.

Em *La crisis educativa según Hannah Arendt: novedad y tradición*, Gloria M. Comesaña-Santalices e Katuska J. Reyes Galué destacam que é na educação que uma dada sociedade estabelece em que grau assume responsabilidades com as gerações futuras. O estudo toma como foco de análise o texto de H. Arendt *A crise na Educação*, aqui no Brasil publicado na obra *Entre o Passado e o Futuro*. A educação é território do novo e do jovem. Mais, apontam a necessidade da inclusão, nas práticas educativas, de procedimentos que promovam a preservação da tradição cultural – mitos, memórias, conhecimentos e crenças –, pois, é também na educação que decidimos ou não se amamos nossas crianças. Assim, esta concepção nos fornece como sentido para a educação a responsabilidade com as gerações futuras, a cultura e a tradição. Com isto anotam que um dos caminhos possíveis para enfrentar a crise atual da educação é a pro-

moção de atitudes positivas com relação à criança, ao jovem e à autoridade do professor. Pois, a base dessa visão educacional é a afirmação de que o velho prepara o novo e, dessa forma, o professor e a sociedade não podem prescindir da autoridade – aqui tomada estritamente no sentido arendtiano – no ato educativo.

No artigo *Solidão e doença na metamorfose nietzschiana*, Márcio Danelon explora os delicados caminhos de se relacionar a obra de um autor, um filósofo, com sua vida. Seu intento é demonstrar que a saúde bastante frágil do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, assim como sua vida, a qual foi um exercício de solidão, podem explicar algumas de suas principais posições filosóficas e idéias que nos legou. Amparado na obra *Ecce Homo*, declarada autobiografia intelectual de Nietzsche, bem como em dois de seus principais biógrafos, o autor explora a vida do filósofo, que teve o sofrimento físico como seu companheiro. Recolhe, por exemplo, no prontuário médico do adolescente Nietzsche na escola de Pforta, os dados de suas doenças: dores de cabeça, reumatismo, inflamações do ouvido, crises de enxaqueca. A tese apontada por Danelon é a de que todas essas enfermidades, que dificultaram e depois impediram a Nietzsche o exercício da docência universitária e da vida acadêmica, acabaram por afastá-lo de um convívio social mais intenso, e que a doença e a solidão podem explicar, em alguma medida, a metamorfose de Nietzsche, de cristão bem formado nos princípios luteranos, em ateu convicto, arauto da “morte de Deus”. Por outro lado, a produção de uma filosofia crítica da cultura alemã da época, de uma “filosofia do martelo”, dedicada a derrubar os ídolos, contribuiu ainda mais para afastá-lo dos círculos sociais, para que sua filosofia não tivesse maiores repercussões, e para que não tivesse discípulos, o que aconteceu apenas depois do agravamento de sua doença e conseqüente parada na produção filosófica, intensificando-se após sua morte.

A representação feminina em três obras pontuais da literatura sul-africana em inglês: *King Solomon's Mine* (1885), de Henry Rider Haggard; *Is there nowhere else where we can meet?* (1885), de Hadine Gordimer; e *Disgrace* (1999), de J. M. Coetzee, é o objeto de análise de Thomas Bonnici, em seu artigo *Representação feminina na literatura da África do Sul*. A análise das personagens femininas em momentos diferentes da história literária da África do Sul revelou como a literatura registrou e construiu formas de representação do feminino. A mulher-bruxa, a mulher objetivada, a mulher subjetivada são as principais fases desse paradigma que não desconsidera as ambigüidades e a complexa teia de valores que enredam a cultura das mulheres brancas e negras da África do Sul. A repressão, a

opressão e a submissão são os desdobramentos do colonialismo e do apartheid, que atingiu de forma cruel a mulher negra sul africana. As vozes silenciadas e os discursos não-autorizados aparecem no texto literário como testemunhas da violência, da subserviência e da culpabilidade, que somente uma descolonização da mente pode reverter, a fim de que o terrível dilema do desmascaramento da identidade feminina encontre um espaço de debate, através da recuperação e análise das vozes silenciadas.

A questão da inclusão de alunos com necessidades especiais ocupa um lugar de destaque nas pesquisas educacionais contemporâneas e a *Declaração de Salamanca*, de 1994, tem sido o marco indicativo da relevância e da urgência de tal problemática. Esse é o tema do artigo de Thaís Cristina Rodrigues Tezani, *A dinâmica da inclusão na gestão da escola pública*, que concentra-se em descrever o sentido da inclusão, as adaptações exigidas nos currículos para atender a educação inclusiva e a gestão escolar. A autora conclui que o processo de inclusão deve transcender os limites da instituição escolar, reconhecendo como indispensáveis, para a aprendizagem, as interações sociais.

Daisi Chapani e Ana Maria Daibem apresentam, em seu texto *A incorporação da temática ambiental por uma Escola Pública de Bauru (SP)*, o resultado de uma pesquisa sobre a contribuição de uma escola pública para a formação de atitudes dos alunos com relação à questão da sustentabilidade. O texto coloca em destaque a análise das opiniões dos diferentes atores sociais: os alunos, professores e funcionários sobre a inserção da temática ambiental no processo escolar. Conclui seu trabalho afirmando que os resultados obtidos denotam que a manifestação dos alunos sobre a preservação ambiental tem relação com a escolaridade, o que leva a supor que a escola esteja colaborando com a formação de uma massa crítica consciente da relevância do futuro do planeta. Sugere, entretanto, que tais medidas sejam mais efetivas e ampliadas no âmbito escolar uma vez que muitos alunos não conseguiram justificar a importância do estudo do meio de forma coerente e outros nem sequer se mostraram capazes de ampliar suas considerações para além do contexto escolar.

